

O Leão É Um Cordeiro

As Crônicas do Natal—Parte 3

Textos Seleccionados

Introdução

Retornamos hoje a algumas das verdades mais profundas da narrativa do Natal em sua versão completa. Esta é a nossa última mensagem de Natal na minissérie “As Crônicas do Natal,” que usa como ponto de partida as verdades bíblicas transmitidas pelo escritor C.S. Lewis em sua famosa obra *As Crônicas de Nárnia*.

Até agora, vimos a canção do Filho do Imperador, isto é, a música criativa do grande Leão Aslan, que é o Filho do Imperador além do mar. A canção que Aslan entoa no momento da criação do mundo de Nárnia é uma figura da narrativa da criação do universo efetuada pela palavra de Deus por meio da agência do Filho, Jesus Cristo. Conforme lemos em Colossenses 1.16: “Nele todas as coisas foram criadas.”

Todavia, o tentador entrou nessa criação nova e inocente. O autor C.S. Lewis ilustra a tentação com a cena do menino Edmundo recebendo a oferta de um reino futuro, no qual se tornaria o príncipe da Feiticeira Branca e, posteriormente, o rei de Nárnia.

A tentação do menino Edmundo vem na forma de uma caixa de manjares turcos—os manjares mais deliciosos que ele já tinha provado. Enquanto se deleita naquelas iguarias, ele promete à Feiticeira

que lhe entregará seu irmão e suas irmãs, sem saber que sua traição custará sua própria vida pelas mãos da Feiticeira. Ele parece não se preocupar com seu futuro, desde que receba os manjares turcos que tanto deseja.

Por fim, as quatro crianças—Pedro, Lucy, Susan e Edmundo—passam pelo guarda-roupas mágico e entram juntos no mundo de Nárnia. Edmundo escapa e conta à Feiticeira que todos chegaram e onde ela pode encontrá-los. Esse ato é o ápice do orgulho e uma terrível traição. Segundo a lei de Nárnia, Edmundo deve morrer.

De maneira semelhante, vimos a serpente sussurrando no ouvido de Eva uma mentira: ela pode ser dona do seu próprio reino e governá-lo como Deus. Testemunhamos Eva tomando do fruto e o comendo, sem se dar conta de que o resultado seria sua morte por haver traído a palavra de Deus.

Tanto em Nárnia como no mundo real, existe uma lei inabalável e irrevogável: “O salário do pecado é a morte” (Romanos 6.23). C.S. Lewis chama a lei de Nárnia de mágica—mágica irrevogável.

Quando tudo parece estar perdido para o garoto Edmundo, a esperança de Nárnia, Aslan, aparece e conversa em particular com a Feiticeira. Nessa

reunião particular, ele diz que se oferecerá no lugar de Edmundo—que ele morrerá no lugar dele. A rainha perversa fica enlevada!

Naquela mesma noite, Aslan sobe ao monte em direção a uma gangue de monstros, bruxos e ogros. Ele se deita sobre uma mesa de pedra e se deixa ser amarrado com uma corda e sua juba raspada em tremenda humilhação, enquanto seus inimigos zombam dele, cospem e batem nele. Susan e Lucy, que têm acompanhado tudo à distância, abaixam a cabeça em profunda tristeza enquanto o grande Leão é morto.

Um tempo depois, a multidão se dispersa e a rainha convoca seu exército para derrotar o exército do Leão. As duas meninas, Lucy e Susan, sobem o morro para lamentar a morte de seu Leão, Líder e Rei.

Horas depois, quando começam a descer do morro, elas ouvem um barulho alto de algo rachando. A mesa de pedra quebrou ao meio e Aslan não estava mais sobre ela. As duas ficam tomadas de medo. Nessa cena, C.S. Lewis escreve:

“E agora?”, lamentou Lucy. *“Porventura, elas já não fizeram o suficiente?”*

Mas Susan coloca sua mão sobre o ombro da irmã: “Espere!”, disse ela. *“Você acha que poderia ser mais mágica?”*

“Sim!”, exclama uma voz semelhante a um trovão.

Elas se viram. “Aslan!”, gritam—pois era o próprio Leão, tão resplandecente quanto o sol e maior do que se lembram. *“Querido Aslan! Você não está morto?”*

“Não estou mais morto”, respondeu ele. “Esta é uma mágica que a Feiticeira não conhecia. Uma mágica ainda mais profunda. Quando uma vítima voluntária, que não cometeu perversidade alguma, é morta no lugar de um traidor, a Mesa racha e a própria Morte age de forma inversa. E agora, meus filhos, a morte começou a ser invertida... venham! Vamos correr e brincar!”¹

Quem pensaria num plano como esse? Mas é verdade. A lei da traição e da morte poderia ser vencida pelo sacrifício de um inocente.

O Filho do Imperador é um Leão, mas ele resolveu o dilema do pecado ao se tornar um Cordeiro. Seu sacrifício voluntário a favor da humanidade pecadora anularia o poder da lei contra as vidas daqueles que são redimidos pelo seu sangue.

O Leão Era Um Cordeiro

Eu fiz um passeio pela Bíblia e encontrei tantas referências a cordeiro que não temos tempo para tratar de todas elas. Elas começam a aparecer já nos livros de Moisés—o Pentateuco. Permita-me compartilhar com você alguns detalhes sobre o Leão da tribo de Judá que também se tornou o sacrifício final pelo pecado.

1. Primeiro: em Gênesis 4, o sacrifício do Cordeiro é simbolizado.

Em Gênesis 4.1–2, lemos que Adão e Eva tiveram dois filhos: *Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador* (v. 2b). Caim se tornou um agricultor quando cresceu, enquanto seu irmão Abel se tornou um pastor de ovelhas. Ambas as ocupações eram honrosas; ambas eram carreiras profissionais aceitáveis.

Caim e Abel haviam sido bem ensinados—eles sabiam que existia um Deus, sabiam sobre a expiação e tinham aprendido os princípios sacrificiais. Num dado momento de suas vidas, eles chegaram à idade quando deveriam pessoalmente oferecer um sacrifício ao Senhor.

Possivelmente, Adão e Eva tinham ido ao oriente do jardim com seus filhos algumas vezes para que vissem o querubim da guarda com sua espada flamejante e a árvore da vida à distância. Apesar de o registro de Moisés não fornecer detalhes a esse respeito, é evidente que Caim e Abel não tinham a liberdade para decidir como se aproximariam de Deus. Eles tinham sido ensinados sobre a tentação da serpente, o fruto roubado e a roupa de pele dos animais sacrificados.²

Caim tentou se aproximar de Deus com uma oferta de frutas e legumes. Preste bastante atenção no seguinte: Caim não era ateu. Ele estava ciente do que fazia, era religioso e tinha interesse em se aproximar de Deus. No entanto, ele exigiu o direito de se aproximar de Deus do seu próprio jeito—sem derramamento de sangue e sem sacrifício. Ele quis se aproximar com algo que representava a obra de suas mãos.³

Abel, todavia, se aproximou de Deus pela fé (Hebreus 11.4) e ofereceu um animal do seu rebanho. A oferta de Caim simboliza religião; a oferta de Abel simboliza redenção.

Meu amigo, o mundo está dividido em dois grupos até hoje: aqueles que esperam encontrar seu próprio caminho a Deus conforme Caim, e aqueles que encontram o caminho do Calvário até Deus conforme Abel.

O caminho de Caim é uma trilha fabricada pelas mãos humanas; o caminho do Calvário é uma

trilha fabricada pelas mãos de Deus somente. Dessa maneira, os dois primeiros descendentes de Adão e Eva representam, até agora, o caminho que leva ao inferno e o caminho que leva ao céu. Em Gênesis 4, o sacrifício do cordeiro ilustra o único jeito de se aproximar de um Deus santo e justo.

2. Segundo: em Gênesis 22, a promessa do Cordeiro é profetizada.

Esse é aquele ocorrido quando Deus prova a fé de Abraão na promessa do Messias por meio do seu filho Isaque. Lemos em Gênesis 22.1–2:

Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova e lhe disse: Abraão! Este lhe respondeu: Eis-me aqui! Acrescentou Deus: Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei.

Deus mandou Abraão sacrificar o seu próprio filho Isaque no Monte Moriá. A palavra *Moriá* significa “previsto por Deus.” Tudo isso foi planejado pelo Senhor. Deus havia prometido um filho a Abraão e, por meio desse filho, a linhagem que traria o Messias ao mundo.

Imagine como ficou o coração de Abraão quando ouviu a ordem de Deus. Ele deve ter pensado: “Isaque?! Mas por que ele?” Podemos até imaginá-lo dizendo: “Olha, posso oferecer Ismael. Vou coloca-lo no altar.”

Não. Ismael representava a velha vida de Abraão. Deus queria aquilo que representava o futuro de Abraão.

A verdade é que eu e você temos pouca dificuldade em oferecer a Deus coisas do passado.

Dizemos: “Senhor, abro mão de todos os meus pecados do passado. Mas meu futuro... o Senhor quer que eu abra mão de tudo, agora?” Deus não quer apenas nosso passado pecaminoso; ele deseja nosso presente e futuro também.

Continue em Gênesis 22.7–8:

Quando Isaque disse a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiam ambos juntos.

Deus providenciará o cordeiro! Mas, quando continuamos a leitura, percebemos que não existe cordeiro nenhum, em lugar nenhum. Isaque sobe no altar e Abraão ergue o braço com a faca para finalizar o sacrifício. Daí, lemos em Gênesis 22.11–14:

Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui! Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho. Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. E pôs Abraão por nome àquele lugar — O Senhor Proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do Senhor se proverá.

Perceba que a última sentença está ainda no tempo futuro—*O Senhor Proverá*. Não houve cordeiro nessa ocasião, mas um carneiro. O Cordeiro ainda virá.

O Monte Moriá não passa de um cume de alguns morros. Foi ali onde Salomão construiu o Templo, o qual acabou sendo destruído. A poucos metros do Moriá—onde Isaque foi sacrificado—uma cidade seria edificada: Jerusalém. Na época de Jesus Cristo, esse morro não era mais conhecido como Moriá, mas havia recebido um apelido em aramaico por causa do seu formato. Agora, seu nome era Gólgota porque se assemelhava a uma caveira.

“Deus proverá o cordeiro!”, Abraão profetizou. É importante destacar que o local onde Isaque foi sacrificado como um tipo de Cristo—onde esse filho amado foi oferecido voluntariamente como oferta queimada pelo pecado—é o local onde Jesus Cristo seria crucificado. A declaração profética de Abraão de fato se concretizaria: “Deus proverá o Cordeiro.”

Portanto, em Gênesis 4 o pagamento do Cordeiro é ilustrado e em Gênesis 22 a promessa é profetizada.

3. Terceiro: em Êxodo 12, a ilustração fica mais vívida quando a proteção do Cordeiro se torna algo pessoal.

Em Êxodo 12, encontramos vida e morte. Os israelitas são escravos no Egito, mas Deus está a caminho para libertá-los. Ele salvará somente aqueles que tiverem a assinatura do cordeiro nos umbrais e verga das portas de suas casas. Somente esses lares permanecerão intocados pela morte. Cada família precisa decidir. Não era suficiente apenas *ser* um israelita ao invés de egípcio. A proteção do cordeiro precisava se tornar algo pessoal.

A pergunta para você hoje é: quando o evangelho de Cristo se tornou pessoal para você?

Na semana passada, ouvi o testemunho de um rapaz que veio a Cristo recentemente em nossa igreja. Ele tinha ouvido nosso programa de rádio e, assim, encontrou nossa igreja.

Esse rapaz havia frequentado uma igreja quando garoto, mas igreja sumiu de cena após o divórcio dos pais. Alguns amigos lhe disseram que ele deveria procurar uma igreja, mas ele não sabia por onde começar. Até que ouviu nosso programa. Ele veio, estacionou seu carro, mas daí ficou relutando se entraria ou não. Depois de um momento de hesitação, foi embora.

No domingo seguinte, ele voltou, ficou sentado no carro lá no estacionamento e depois decidiu entrar. Uma das irmãs na recepção percebeu que ele precisava conversar com alguém sobre o evangelho. Dois presbíteros se sentaram e compartilharam o evangelho claramente com ele. O jovem disse que já tinha ouvido a mensagem antes, mas percebeu, nesse dia, que teria que aceitar o evangelho pessoalmente. Seu coração estava pronto. Ali mesmo, ele recebeu a Cristo como Salvador.

A proteção do Cordeiro de Deus deve ser uma transação pessoal. Em um dado momento em sua vida, a assinatura do Cordeiro, escrita em vermelho-sangue, precisa ser escrita em seu coração.

4. Quarto: a quarta evidência de que o Leão de Judá é o Cordeiro sofredor se encontra em Isaías 53, onde o propósito do Cordeiro é identificado.

Veja comigo Isaías 53.7. O profeta identifica o Cordeiro como sendo o Messias:

Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus

tosquiadores, ele não abriu a boca.

E no verso 5, lemos:

Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

Foi exatamente isso o que Aslan disse às crianças: “Não desanimem. O mal virá, mas estou assegurando que o pior cairá sobre mim.”⁴

Então o Leão de Judá se torna o Cordeiro submisso—despido e zombado, insultado por humanos e demônios enquanto sobe o morro para morrer pelos filhos de Adão e filhas de Eva.

Isaías profetizou no verso 6: *mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos*. O mal virá, mas garanto que o pior cairá sobre mim. Esse é o propósito do Cordeiro de Deus.

5. Quinto: em João 1.29, a Pessoa do Cordeiro de Deus é reconhecida.

João, o profeta de Deus que batiza no rio Jordão, vê o jovem Messias se aproximando. Nesse momento, Jesus tem 30 anos de idade.

Segundo a Lei de Moisés registrada em Números 4, um homem tinha que ter pelo menos 30 anos de idade para poder servir como sacerdote perante o Senhor. Assim, em cumprimento de até mesmo as demandas mais minuciosas da Lei, Cristo, que agora tem em torno dos 30 anos, está prestes a ingressar em seu ministério. Ele será o último e eterno Sumo Sacerdote, o único mediador entre Deus e o homem.

O Evangelho de João registra a apresentação

pública do Cristo à nação de Israel. Quando João Batista viu Jesus vindo em sua direção, ele não falou: “Eis o Leão de Judá que veio assumir o trono de Davi!” Não. Ele disse em João 1.29: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.*

Que apresentação!

Então:

- o pagamento do Cordeiro é ilustrado;
- a promessa do Cordeiro é profetizada;
- a proteção do Cordeiro se torna pessoal;
- o propósito do Cordeiro é identificado;
- a Pessoa do Cordeiro é reconhecida.

Existe mais um, algo que o profeta João Batista nunca viu e nós aguardamos ver também.

6. Sexto: em Apocalipse 5, o poder do Cordeiro é exaltado.

O apóstolo João tem a honra de fazer um passeio no céu e contemplar o futuro da terra. Em Apocalipse 5, ele chora porque ninguém é encontrado digno de abrir o livro e seus selos. Em outras palavras, ninguém é digno, capaz e poderoso o suficiente para controlar os eventos futuros do universo—os selos de poder e horror. Ninguém é digno disso.

No entanto, um dos anciãos diz ao apóstolo João em Apocalipse 5.5:

...Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.

Ninguém é poderoso para abrir o livro e controlar o destino das nações.

Todavia, quando João olha, ele vê um Cordeiro, não um Leão. O Cordeiro está de pé, porém carrega as marcas de que foi morto. Essa talvez seja uma referência às feridas nas mãos, pés e lado de Jesus, as quais ele reteve, até mesmo em seu corpo glorificado.

O poder do Cordeiro ressurreto é exaltado.

7. Sétimo: em sétimo e último lugar, a preeminência do Cordeiro é glorificada.

Ainda em Apocalipse 5, agora versos 11–14, o céu inteiro—os seres viventes, os anciãos e as miríades de anjos—se prostra diante do Cordeiro.

Conforme João escreve, centenas de milhões de anjos cantam juntos o seu louvor ao Cordeiro. Apocalipse 5.12–13 nos diz qual é a letra de sua canção:

proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos.

Continue no verso 14:

E os quatro seres viventes respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram.

Eles continuam dizendo: “Amém, amém, amém!”

Conclusão

Do livro de Gênesis até os profetas, apóstolos e o último livro de Apocalipse, a mensagem é clara: como um cordão escarlate, o sacrifício do nosso Redentor é tecido no decorrer do plano de Deus que se desenrola. Vemos que:

- o pagamento do Cordeiro é ilustrado;
- a promessa do Cordeiro é profetizada;
- a proteção do Cordeiro se torna pessoal;
- o propósito do Cordeiro é identificado;
- a Pessoa do Cordeiro é reconhecida;
- o poder do Cordeiro é magnificado; e
- a preeminência do Cordeiro é exaltada.

Acho interessante que, no último capítulo do último livro da Bíblia, encontramos o Senhor Jesus assentado no trono. O apóstolo João escreve:

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro (Apocalipse 22.1).

Até mesmo a essa altura na história, quando o novo céu e a nova terra terão sido criados para o nosso deleite eterno, veremos o Senhor no céu não como um Leão, mas como um Cordeiro. Essa é, muito provavelmente, a forma de Deus lembrar a nós por toda a eternidade do caminho que nos levou ao céu. Foi pelo Cordeiro de Deus.

O Leão foi, é e sempre será visto e lembrado como o Cordeiro morto pelos pecadores. O Leão é o Cordeiro.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 25/12/2005

©Copyright 2005 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Kurt Bruner e Jim Ware, *Finding God in the Land of Narnia* (Tyndale House, 2005), 45.

² John Phillips, *Exploring Genesis* (Loizeaux Brothers, 1992), 64.

³ *Ibid.*, 64.

⁴ Bruner e Ware, 11.